

# O Sábio Oriente e o Progressista Ocidente. A 2.<sup>a</sup> Globalização

PAULA MORAIS\*

**RESUMO:** O pensamento teórico-prático dos sistemas filosóficos hindus Sámkhya e Yoga interpreta a relação humana com a Natureza na perspectiva duma interconectividade que exige a abolição das fronteiras egoicas, territoriais e ontológicas, propondo uma globalização humana-cósmica.

O actual interesse pelos valores orientais entende-se num quadro de tensões subsequentes do modo de vida ocidental, de décadas de vitória de hedonismo anti-metafísico, de visões materialistas, positivistas, mais argumentativas do que sapienciais. O Ocidente já compreendeu que a evolução da humanidade passa pela modificação do paradigma actual económico, social, ecológico, político. E, nesse sentido, parece-nos que o progressista Ocidente tem muito ainda a aprender com o sábio Oriente.

Os valores que procuramos não são exclusivos de uma sabedoria oriental, revelam interesses e necessidades transversais à história da vida humana sobre o Planeta. Os princípios estruturantes do Ocidente devem ser valorizados: os direitos humanos, a liberdade, a hermenêutica científica. Os movimentos ecologistas nascem, justamente, no Ocidente, assim como as soluções tecnológicas ao serviço da sustentabilidade. Há assim um Ocidente sábio, não apenas progressista. Paradoxalmente, o sábio Oriente rendeu-se ao fascínio ilusoriamente progressista da industrialização e da técnica ocidentais, acelerando-se a destruição do meio ambiente e dos modos de vida comunitários.

A 2.<sup>a</sup> globalização implica um despertar global da consciência que transcenda Oriente e Ocidente e que exige reconhecer a nossa semelhança com o que está do lado de lá numa situação ecológica e ontológica comum, a urgência de cooperação, de diálogo, de paz – Ahimsá, e o reconhecimento da interconectividade, não apenas Planetária, mas universal, porque a segunda globalização será cósmica.

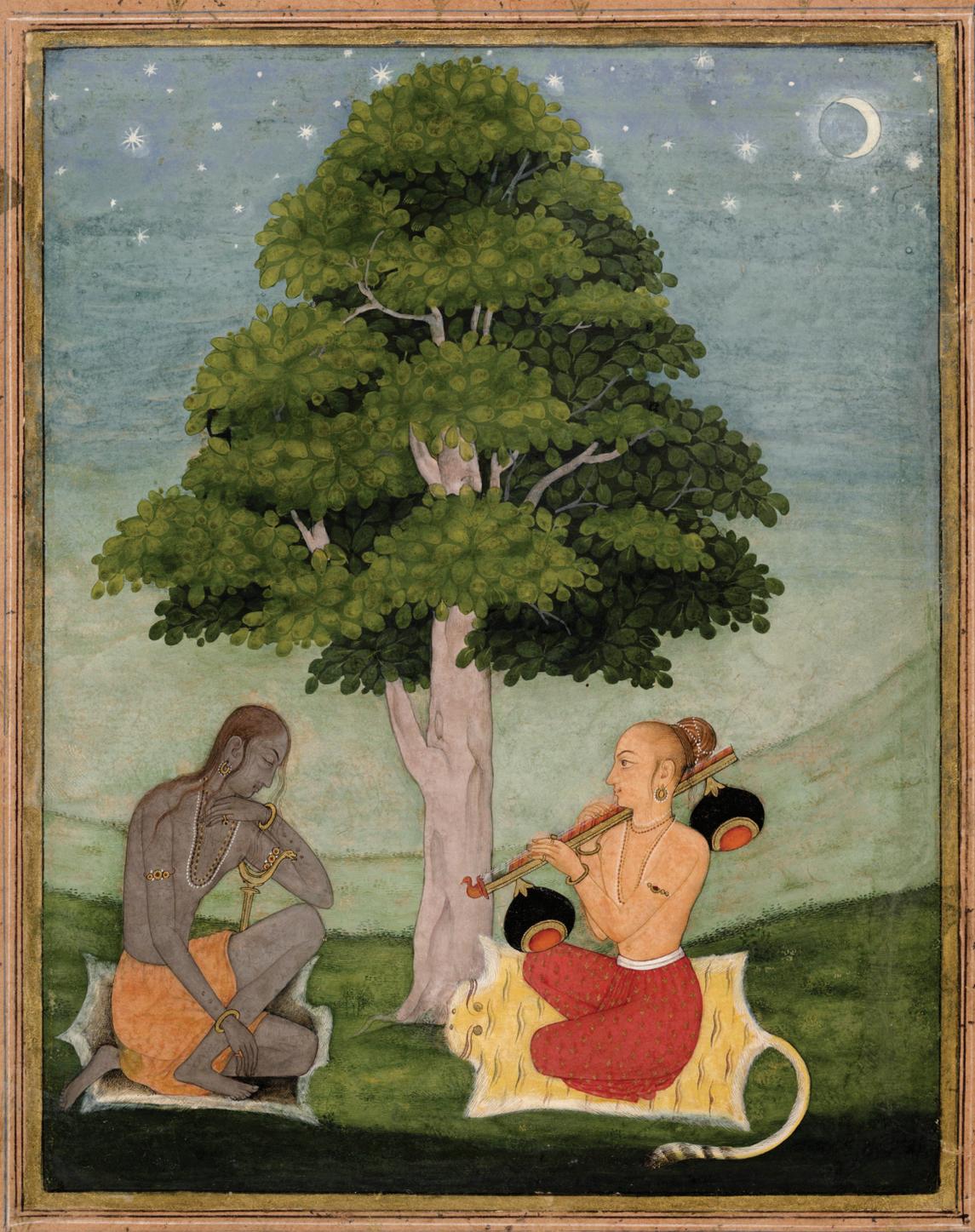
**PALAVRAS-CHAVE:** Yoga; Sámkhya; Oriente; Ocidente; Filosofia; Interculturalismo; Ecologia.

\*Doutorada em Filosofia, especialidade de Filosofia da Cultura, pela Faculdade de Letras de Lisboa, com uma dissertação sobre Yoga e Sámkhya. Directora da Revista Internacional do Yoga Om Yess. Presidente do Centro do Yoga do Rato, associação que se destina ao ensino, estudo e à prática do Yoga tradicional. Directora do Grupo de Teatro Amador Mâyá da Confederação Portuguesa do Yoga. Interessa-se também por Ecologia, Ontologia, Estudos do Feminino e Filosofia em Portugal.

*PhD in Philosophy from the Faculty of Letters of the University of Lisbon, specialising in Philosophy of Culture, with a thesis on Hindu thought, namely Yoga and Sámkhya. Morais is Director of the Ashrama of Rato — Yoga Centre, in Lisbon; Director of the International Yoga Magazine Om Yess, published in Portuguese, English and Spanish (11 issues); Director of the Amateur Theatre Group Mâyá, and of the Portuguese Yoga Confederation. She is also interested in Literature, Ecology, Women's Studies and Philosophy in Portugal.*

## O Sábio Oriente

O desejo da iluminação como saudade de libertação implícito nas filosofias clássicas hindus, como o Sámkhya e o Yoga, resulta da consciência de um desequilíbrio entre o indivíduo e o mundo, porque o ser humano sempre se sentiu como “o animal que não encaixa.”<sup>1</sup> Deste desajuste existencial funda-se a decisão deliberada de afastamento de um mundo de sofrimento – *Sarvam dukha* – tudo é dor.



A transmissão do conhecimento da boca do guru (mestre) ao ouvido do sádhaká (discípulo). Artista: Ruknuddin. Índia (Bikaner, Rajastão); ca.1690-95. <https://creativecommons.org/publicdomain/zero/1.0/deed.pt>

## PHILOSOPHY AND RELIGIOUS STUDIES

Depois do ascético silêncio do *yogi* que se entregou à experimentação directa da evidência da verdade em *samádhi* (iluminação), inaugura-se a vertente pedagógica daquele que, tendo visto a natureza do que se apresenta aí, pode facilitar, usando um termo moderno, outras pessoas/prisioneiros a acederem à mesma experiência/revelação.

A hermenêutica pedagógica consiste, numa primeira fase, no conjunto de certas negações sobre a vida mundana: *neti, neti*. Dizer o mundo é primeiramente negá-lo, criticá-lo. Denuncia-se assim a conceptualização e a linguagem como configurações redutoras no seio do englobante útero pré-cósmico indiferenciado do qual nada pode ser dito, mas que é a fonte de toda a aparição e discurso (*máyá*).

São estes grandes sistemas do êxtase, ou seja, da prática, que se opõem aos do palavreado em que a verdade resulta do encadeamento argumentativo. Nestas perspectivas metacósmicas, o que importa é a transfiguração, a evidência epifânica. Antes de qualquer dito, há a experiência da verdade metafísica “que conduz à morte de olhos abertos”<sup>2</sup> – à não dualidade, *nirbija samádhi*.

Nestas metafísicas, o universo não só é povoado de forças vitalistas procriadoras como, em si, é uma Totalidade Viva, um Ovo vivo. A participação humana na estrutura orgânica da Vida permite o grande salto do desgosto e do tédio para a realização de si, descobrindo-se, à semelhança do Princípio Criador, cósmico, co-criativo, decisor, delineador de possibilidades, quântico. Mas, como em todos os contos mágicos, é necessário renunciar à maçã envenenada do ego e das suas aias, a ignorância, a violência e o desejo.

A renúncia do Yoga, *veirágya*, é a autonomia face ao real, rescisão do apelo de consumação no mundano e da tendência para reificação do ego. E foi este poder de renúncia das filosofias orientais, consideradas como fuga e negação da vida, como debilidade anímica, que prevaleceu no Ocidente, ignorando-se o poder vital da auto-superação (*tapah*), da concentração contínua (*Dhárana*), da meditação (*Dhyána*). Contrariamente à imagem ocidental do *yogi* como um ser humano frágil, alienado,

doente, o praticante do Yoga, apoiado por uma estrutura ontológica e pelo rigor de uma ética social (*Yama*) e individual (*Niyama*), participa na trama cósmica sem se deixar enredar pelas suas circunstâncias, evitando causar dano a qualquer ser vivo. No seu eremitério junto ao rio sagrado Gangá, nas florestas ou nas montanhas, o *yogi* deixa a Natureza seguir o seu curso, e com este, a sua identidade ilusória.

Uma vantagem de estudar os mestres antigos do Sámkhya e do Yoga é que reinterpretem a relação do ser humano com a Natureza, e pela abolição filosófica das fronteiras egoicas, territoriais e ontológicas, propõem uma globalização humana-cósmica.

Warick Fox<sup>3</sup> denomina a experiência de iluminação (*samádhi*) como uma vivência transpessoal que surge da compreensão de que a Vida é essencialmente una. Essa identificação cosmológica é correlativa do sentimento de comunidade com todos os seres vivos e, porque a memória da origem está implícita em tudo já que nada se perde na rede fenomenológica do ser-do-mundo, também uma espécie de ADN cósmico. Partilhar uma origem e, quem sabe, um destino comum, torna-nos mais capazes de empatia com os restantes seres vivos numa solidariedade que se estende até às estrelas, nas belas palavras ameríndias.

Com as investigações científicas de topo a corroborarem as proposições orientais de que o cosmos é a diferenciação gradual de uma única unidade primordial, o interesse cosmológico renova-se, obrigando-nos a repensar esta acidez cosmofólica, na expressão de Sloterdijk, contra as grandes metafísicas antigas. Assistimos hoje ao reavivar do cosmicismo.

Desta rede conectiva da vida, desta intimidade empática, surge a compreensão do *dharma*, a lei cósmica que fundamenta o comportamento correcto, o *rta*, onde se inclui *ahimsá*, a não-violência, porta de entrada do Yoga. Isto é, a consciência do entrelaçamento cósmico traduz-se comportamentalmente numa prática de benevolência e justiça. Sendo um *Yama*, regra social, *ahimsá* revela também o imperativo de estabelecer consensos, diálogos, entre as nações.

## FILOSOFIA E ESTUDOS RELIGIOSOS

### Sábio Ocidente, Progressista Oriente

O caminho do Yoga é de concentração e não de dispersão. No Ocidente, décadas de vitória da vida mundana, de hedonismo anti-metafísico, de perspectivas laicas, anti-ascéticas, mais argumentativas do que sapienciais, progressivamente mais materialistas e positivistas, uma modernidade sem êxtase, gerou uma “existência sem glória.”<sup>4</sup>

Nestes últimos séculos, as tentativas optimistas da criação de uma sociedade mais justa e feliz através da economia, da política, da ciência positivista e da tecnologia, não impediram o aumento desmesurado do mau estar físico, anímico, emocional e mental, os conflitos sociais, a pobreza, a exploração humana, animal e ambiental. Há mais conforto, é certo, mas as evidências psicológicas e sociais contrariam a equivalência entre qualidade de vida e poder de compra, ou tecnológico.

Sabemos onde nos conduz a poluição, os alimentos contaminados, a pressa de chegar a lado algum, extingui-mos mais de 50 por cento dos animais e do mundo vegetal do planeta, os glaciares, as montanhas. Sabemos o poder destruidor do átomo, mas continuamos a querer produzir bombas. Assistimos impunemente às investidas do crime, da corrupção, da violência, do luxo, do dogmatismo científico e tecnológico, da abstenção e indiferença política, da crueldade humana. Espanta-nos o ser humano não se insubordinar contra o “envilecimento do vivo.”<sup>5</sup>



Yogini Árati no Jardim de São Pedro de Alcântara, Lisboa. Foto cedida pelo Áshrama do Rato – Centro do Yoga.

O interesse pelos valores orientais tem de ser entendido, assim, num quadro de tensões subsequentes do modo de vida ocidental. O Ocidente, isto é, o indivíduo ocidental, já compreendeu que a evolução da humanidade implica a modificação do paradigma actual. A constatação do estado de pandora do mundo mostra-nos as consequências dos nossos actos e a força construtiva ou destrutiva dos pensamentos na gestão do futuro, e permite tomar decisões mais acertadas, menos egoícas e antropocêntricas. E, nesse sentido, parece-nos que o progressista Ocidente tem muito ainda a aprender com o sábio Oriente, porque as filosofias da concentração milenares orientais fomentam a compreensão da raiz dos estados mentais e comportamentais aflitivos, um maior equilíbrio e contenção dos desejos de posse, o respeito pela Natureza Mãe Viva, o não antropocentrismo.

Não é possível pensar-se que os valores do Oriente possam solucionar os problemas de todos, mas defendemos a necessidade de “(...) conduzir a análise comparativa a um maior entendimento daquilo que significa ser humano num tempo em que as antigas certezas das nossas tradições ocidentais e não-ocidentais colapsaram grandemente.”<sup>6</sup>

Mas os valores que nós procuramos nas filosofias do Oriente também estão presentes no Ocidente: nos aborígenes da Austrália, nos índios ameríndios, nas tradições xamãs, na Filosofia, não são exclusivos de uma sabedoria oriental, revelam interesses e necessidades transversais à história da vida humana sobre o planeta. Daí que Jacques Ellul fale de traição do Ocidente, problematizando esta má-fé generalizada para com o modo de ser ocidental e os seus próprios valores estruturantes que não podem ser esquecidos: a dignidade do indivíduo, os direitos humanos, a liberdade, a hermenêutica científica. Os movimentos ecologistas nascem, justamente, no Ocidente, assim como as soluções tecnológicas ao serviço da sustentabilidade, os novos conceitos de capitalismo consciente,

## PHILOSOPHY AND RELIGIOUS STUDIES

fundado curiosamente por um hindu, a economia circular, o retorno ao campo, a permacultura, a abolição do plástico, entre outros. Há assim um Ocidente sábio, não apenas progressista.

Por outro lado, apesar da complexidade teórica das suas filosofias que nos fazem pressupor que a Ásia (Índia) tem uma menor inclinação pela exploração e destruição dos seus ambientes naturais, confirma-se empiricamente o seu contrário; esta rendeu-se ao fascínio da industrialização e da técnica. Há uma aceleração da destruição do meio ambiente e dos modos de vida comunitários. É inegável que este processo se iniciou com o colonialismo industrial, e países como a China ou a Índia alimentam o furacão capitalista, ignorando as consequências colaterais que tal crescimento económico causou no Ocidente. Enquanto o ocidental descobre maravilhado o poder redentor da meditação, para o oriental, tal como canta Madame Butterfly na ópera de Puccini, os seus deuses são gordos e preguiçosos, e o deus da América é mais forte e rápido.

E de que forma o fascínio sobre estas filosofias contemplativas no Ocidente, como o Yoga, não representa uma continuidade do individualismo, em que cada um se escolhe a si próprio, se torna um especialista em si mesmo, perseguindo a sua ideia de bem-estar, a ânsia de antídoto rápido para o sofrimento, afastado das comunas, quando o Yoga se torna outro modo de produção de riqueza económica?

Estas são questões que ocorrem quando se dissocia o Yoga do seu fundamento filosófico. O Yoga é um *darshana*, não uma terapia, um negócio, uma ginástica ou uma moda. O interesse crescente sobre o Yoga representa a vitória da Filosofia, de um certo modo de fazer filosofia, mais prática, aquela que transmuta. Mas é preciso tempo: só o tempo, produz, no Yoga, resultados sustentáveis, ou seja, alquímicos. Assim, o Yoga introduz, na correria habitual, um momento de eternidade.

### Oriente e Ocidente: Sabedoria e Progresso na 2.ª Globalização

Os filósofos Sámkhya e os *yogi* são pensadores livres que surgem num processo de rebeldia, de contracultura, de oposição à banalidade, à violência, à dor crónica e ao regime institucional, uma oposição ao *status quo*. Há, pois, nestas tradições sapienciais, um carácter revolucionário.

De acordo com Jacques Ellul: “Actualmente, toda a revolução tem de ser imediata, isto é, deve começar no interior de cada indivíduo por uma transformação da sua maneira de julgar (...) e de agir. É por isso que a revolução não pode ser um movimento de massas (...). Porque, actualmente, é impossível dizermo-nos revolucionários sem sermos revolucionários, quer dizer, sem mudar de vida.”<sup>7</sup>

Constituirmo-nos como pessoas da 2.ª globalização implica um duplo movimento revolucionário: a tomada de consciência e a transformação de si. Assim, a mudança de paradigma está dependente directamente da reformulação da consciência humana, porque a crise actual é, sobretudo, ontológica.

A revolução é não abstracta. A rebelião face ao estado do mundo implica renúncia a um certo modo de ser, a um certo tipo de vida, e tem de surgir do interior de um coração humano desgostoso do próprio mundo, saudoso, preocupado com as gerações futuras. Pressupõe um certo afastamento “das massas que amassam a solidão de um indivíduo autêntico”<sup>8</sup> e superar a alienação proporcionada pelas estruturas manipulativas da sociedade tecnológica/capitalista/consumista – o ponto de vista da exterioridade a partir da qual os eus se auto-apreendem – para experimentar a sua integridade, ou seja, quem se é; não como abstracção (cidadão, cliente, consumidor), mas como uma jóia no colar de Indra reflectindo todas as outras. Se a interconectividade é o modo de ser da realidade, a mudança de um pode ser a mudança de muitos, e a mudança de muitos poderá activar a mudança de todos.

A prática do Yoga enquadrada pela cosmovisão Sámkhya permite uma integração equilibrada na ordem

## FILOSOFIA E ESTUDOS RELIGIOSOS

cósmica, assegurando o reconhecimento do valor intrínseco da Natureza, a saúde global (física, energética e mental), a concentração contínua que resulta numa expansão da consciência, ou seja, na superação do arrogante antropocentrismo para uma visão alargada do ser humano e do cosmos, garantindo a sustentabilidade ecológica.

### Conclusão

Entender a globalização como a transferência do poder económico do Ocidente para o Oriente, para países como a Índia e a China que possuem a matéria-prima necessária para assegurar os meios de produção e garantirem a continuidade do capitalismo consumista e a mercantilização tecnicista – o lítio, o petróleo, a mão-de-obra barata, o óleo de palma, a curcuma –, parece-nos a repetição da obscuridade que também caracterizou a 1.<sup>a</sup> globalização, com todas as barbaridades que hoje reconhecemos decorrentes dos Descobrimentos, como o colonialismo, a escravatura ou o genocídio, e que, no entanto, não foram apanágio do Ocidente, mas também existiram no Oriente, algumas ainda até hoje.

Assim como a 1.<sup>a</sup> globalização marcou a era das nações que não se coibiram de se comportarem como grandes, únicas, fechadas e que estabeleceram o império mundial, redes de comércio, bancos, transações económicas, a mercantilização da investigação científica, também a globalidade actual corre o perigo de se tornar apenas uma universalidade económica,



Yogi meditando em Chandrashila. Imagem de Bhuvanesho. <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.en>

uma multiculturalidade institucional e diplomática, dos acordos políticos, das polícias transnacionais, uma espécie de comunidade virtual de estados planetários, padronizados economicamente e culturalmente sob o auspício da informação da rede global.

“Consequentemente, o segundo ecúmeno não poderá proclamar a 'unidade do género humano' – para utilizar por um instante a linguagem do século XVIII – em nome de uma *physis* comum, mas apenas com base numa situação comum. A situação só pode ser definida do ponto de vista ecológico e imunológico. Ela aponta sempre para o imperativo de civilizar as culturas.”<sup>9</sup>

É necessário reconhecer dois aspectos fundamentais:

1. os Descobrimentos mostram também a sede de conhecimento, a procura das especiarias filosóficas, dos segredos alquímicos que fundaram e possibilitaram o desenvolvimento das próprias nações ocidentais. Representaram a abertura do Mundo, unindo-o.

2. o segundo Descobrimento não é obra de uma nação, mas de todas, é um movimento planetário porque, como se diz em Portugal, 'estamos todos no mesmo barco'. Neste caso, habitamos todos a mesma casa planetária em crise radical, e todos reconhecem em si o despertar de uma nova consciência planetária e cósmica.

Se entendermos globalização no sentido de livre comunicação de ideias e pessoas, orientais e ocidentais estabelecem-se definitivamente numa dialéctica de sabedoria e progresso correspondendo à exigência de um sentido comum da humanidade.

O Ocidente deve integrar criativamente os temas e conceitos metafísicos do velho Oriente, que estructurem filosoficamente as suas recentemente despertadas intuições, como o presente acosmismo que assolou os movimentos da consciência holística e que a linguagem *new age* facilitou – somos um, somos o todo.

Que, sobretudo, forneça os mapas para o caminho, uma prática, um método. Saber respirar, concentrar-se, tornar o seu corpo resistente e subtil, alimentar-se de forma simples e o mais natural

## PHILOSOPHY AND RELIGIOUS STUDIES

possível, aprender a gerir sabiamente as emoções, apropriar-se de energia, compreender a necessidade de uma acção correcta, o serviço aos outros, a capacidade de nos sentirmos não só gratos pelo que temos, a vida, mas sobretudo, aprender a retribuir, a respeitar os dons da Terra, não os delapidar (cultivando o *yama asteya* – não roubar), alimentados por uma cobiça sem fim (praticando o *yama aparigraha* – não cobiçar), e o pacifismo (*ahimsá*), são fundamentais para a saúde individual e global, para a possibilidade de haver futuro.

O Oriente deve também aprender com os erros do Ocidente e subordinar o desenvolvimento económico e tecnológico ao critério do respeito pela Natureza e o equilíbrio cósmico, honrando as suas tradições mais ancestrais. Não temos outra solução senão conjugar sabedoria e progresso que nos permitam tomar as decisões certas que levem ao desenvolvimento da raça humana, à preservação da vida e do planeta e à sua integração cósmica.

A 2.ª globalização faz-se pela maturidade do espectro humano, por um despertar da consciência global que transcenda Oriente e Ocidente e que implica reconhecer 1) a nossa semelhança com o que está do lado de lá numa comum situação eco-

lógica e ontológica; e que 2) resulta daí uma solidariedade existencial que se traduz numa necessidade de cooperação, de diálogo, de consensos – *ahimsá*: “Se mesmo assim quiser um critério, digo-lhe que a melhor civilização é aquela que não quer destruir outra. Não aquela que gerou Homero ou Mozart, mas a que deseja viver em paz com ela própria e com as outras”; e 3) acima de tudo, que o estudo e a prática destes *darshana* nos conduzam ao reconhecimento da interconectividade cósmica, não planetária porque a segunda globalização será cósmica: “Agora há uma nova era, a do que temos em comum, da importância do que temos em comum. O que temos em comum? Quase tudo, 99,9%: 14 mil milhões de anos de universo, 5 mil milhões de anos do Sol, 4,6 mil milhões de anos do Planeta Terra, 4 milhões de anos do ser vivo, e depois a raça humana com 12 mil anos de história comprovada.”<sup>10</sup>

Passemos da família próxima à comunidade humana, do bairro ao planeta, da *polis* à cidade planetária – o sistema solar, deste ao país galáctico – a Via Láctea, desta ao continente dos enxames de galáxias, dos enxames de galáxias aos super-enxames de galáxias, e destes à *pangeia* da unidade cosmológica. **RC**

## NOTAS

- 1 Idem, ibidem, pág. 138.
- 2 Warwick Fox, *Toward a transpersonal ecology*, Developing New Foundations for Environmentalism, 2.ª edição, Ressurgente Edições, Devon, 1995.
- 3 Peter Sloterdijk, Op. Cit., pág. 135.
- 4 \_\_\_\_\_, *Palácio de Cristal – Para uma Teoria Filosófica da Globalização*, Relógio D’Água, Lisboa, 2008, pág. 160.
- 5 Gerald James Larson, “Conceptual Resources in South Asia for Environmental Ethics” in Callicott, J. Baird, Ames, Roger, *Nature in Asian Traditions of Thought*, State University of New York, 1989, pág.277.
- 6 Jacques Ellul, *Le personnalisme, révolution immédiate*,

texto inserido no Jornal do grupo de Bordeaux dos amigos do Espírito, reedição nos cadernos Jacques Ellul, nº 1. [https://www.jacques-ellul.org/les-grands-themes/lapersonnehttps://archive.org/stream/BetrayalOfTheWest/BetrayalOfTheWestJ.e.\\_djvu.txt](https://www.jacques-ellul.org/les-grands-themes/lapersonnehttps://archive.org/stream/BetrayalOfTheWest/BetrayalOfTheWestJ.e._djvu.txt).

- 7 José Tavares, Revista *Utopia*, Associação Cultural *A Vida*, Lisboa, 1998, pág.32.
- 8 Peter Sloterdijk, Op. Cit., pág.159.
- 9 Michel Onfray, <https://www.publico.pt/2017/05/13/culturaipilon/entrevista/sem-religiao-nao-ha-civilizacao-a-serio-1771473>.
- 10 Amrta Súryánanda Mahá Rája, *Om Yess* – Revista Internacional do Yoga, Confederação Portuguesa do Yoga, Lisboa, nº 12, 2020.